

# Editorial Especial

## A Contribuição das Ciências Sociais e Humanas na Pesquisa, no Ensino e na Formação em Saúde

Este número da *Saúde e Sociedade* oferece ao leitor um conjunto de reflexões de cientistas sociais, oriundo de apresentações que tiveram lugar no II Encontro Paulista de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado em São Paulo, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 2009, cuja temática era “A Contribuição das Ciências Sociais e Humanas na Formação, na Pesquisa e no Ensino da Saúde Pública”.

Como o tema sugere, esse encontro visou abrir espaço para reflexão, debate e troca de experiências entre profissionais dessas áreas, reunidos a partir da Associação Paulista de Saúde Pública e da Comissão de Ciências Sociais e Humanas da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - Abrasco.

No conjunto dos textos aqui apresentado, o leitor poderá observar a variedade de questões de diferentes naturezas - epistemológicas, teóricas, metodológicas, tecnológicas -, que inquietam e desafiam cientistas sociais, cuja ocupação é a produção de conhecimento, o ensino e a formação em Saúde Pública, Saúde Coletiva e Medicina.

Em relação aos desafios presentes na produção de conhecimento, os artigos de Ana Maria Canesqui, Madel Therezinha Luz e Áurea Maria Zöllner Ianni ilustram o debate que se coloca, ora manifesto ora latente, quando cientistas sociais buscam articular duas áreas de naturezas diversas, com tradições de pesquisas diferenciadas, colocando-se os clássicos referenciais da saúde, pela sua tradição, como parâmetro tácito e dominante em termos de reconhecimento na produção de conhecimento verdadeiramente científico, parâmetro esse secundado pelo paradigma hegemônico da objetividade que fundamenta a ciência moderna e o primado de seu método.

Esses artigos versam, assim, notadamente, sobre a constituição do campo da Saúde como campo de conhecimento e práticas multidisciplinares, apon-

tando a diversidade de questões que daí decorre, relacionada às transformações históricas da sociedade contemporânea, cujas tensões desafiam não somente as Ciências Sociais e Humanas, em geral, mas, notadamente, em campos complexos e específicos, como o da Saúde, nos quais se observam a inscrição e a institucionalização dessas ciências, compartilhando espaços com tradicionais Ciências Naturais e Exatas, por meio de diferentes processos.

No processo de discussão empreendido por essas autoras, ganha espaço a discussão sobre as contribuições das Ciências Sociais e Humanas ao campo híbrido da Saúde, ou suas possibilidades de contribuições, sobressaindo, no entanto, os impasses e as tensões sofridas para o reconhecimento de seus saberes, tendo em vista o que Madel Luz caracteriza como o emprego inadequado e redutor dos instrumentais - teórico, metodológico e técnico - na abordagem dos problemas de saúde, o que, em tese, colocaria as Ciências Sociais e Humanas a serviço de outros saberes presentes no campo, considerados, pela tradição, como mais legítimos.

A partir daí o leitor poder contar com uma rica discussão sobre as várias ordens de discriminação sofridas pelas Ciências Sociais e Humanas no campo da Saúde, quer pela vigência da visão “biologizante”, que caracteriza o modelo biomédico hegemônico, notadamente no campo da Medicina, segundo Canesqui, quer na própria área da Saúde Coletiva, na qual, segundo Madel Luz, a tradicional abordagem epidemiológica dos problemas de saúde reproduz igualmente essa visão reducionista e hegemônica na relação que mantém com as Ciências Sociais e Humanas, descaracterizando a importância de sua contribuição na produção de conhecimento no campo, evidenciado especialmente nos processos de avaliação de nosso sistema de pós-graduação no país.

A partir da discussão dessas autoras, abre-se um amplo quadro no qual se apresentam diferentes ordens de questões a serem abordadas por cientistas sociais, como é o caso das chamadas dicotomias e reducionismos, que os cientistas sociais e humanos

enfrentam ao lidarem com objetos híbridos e diferentes tradições de pesquisa que não dialogam entre si e muitas vezes se contrapõem. Da leitura dos textos dessas autoras, pode-se depreender como essas dicotomias se destacam em termos epistemológicos, com implicações para o próprio processo de geração de conhecimento na área, como é o caso das polarizações entre sujeito e objeto, objetivo e subjetivo, natureza e cultura – essa última tomada como eixo de discussão por Áurea Ianni em seu texto. Também enriquece essa discussão o trabalho de Pedro Paulo Gomes Pereira, cuja tese defende que, malgrado as várias diferenças enunciadas tanto por cientistas sociais quanto por biomédicos que trabalham no campo da saúde, ambos parecem compactuar com uma grande divisão como regra básica do jogo que empreendem em suas práticas: a divisão entre natureza e cultura. Ao aprofundar sua linha de discussão a partir desse eixo de análise, o autor abre ao leitor importantes discussões que tratam das relações e tensões vividas pelos cientistas sociais no campo da saúde, destacando o papel do antropólogo diante do pragmatismo imposto ao seu trabalho pela tradição biomédica do campo. Assume, igualmente, uma postura propositiva ao discorrer sobre formas possíveis de contribuição de cientistas sociais e humanos, notadamente antropólogos, diante do enfrentamento dessas tensões, como enuncia o título de seu artigo: “Especificidade da Contribuição dos Saberes e Práticas das Ciências Sociais e Humanas para a Saúde”.

Na linha de reflexões sobre as contribuições teórico-metodológicas das Ciências Sociais para as pesquisas na área da saúde, Eunice Nakamura foca o papel do método etnográfico e da antropologia, por considerar que ambos possuem uma relação necessária no processo de geração de conhecimento, o que significa dizer que o emprego do método etnográfico implica produzir conhecimento antropológico. As colocações da autora têm como preocupação os riscos de um reducionismo metodológico pela crescente incorporação desse método nas pesquisas em saúde, podendo transformá-lo, muitas vezes, em técnica de pesquisa, dada a tendência pragmática da área, o que representaria sua simplificação e descaracterização.

A riqueza do diálogo entre teoria e prática de pesquisa, anunciada por Eunice Nakamura, pode ser

observado também na postura adotada por Larissa Pelúcio em seu trabalho intitulado “Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à aids”.

Trata-se de um trabalho no qual o leitor poderá observar o quanto a pesquisa empírica bem conduzida, do ponto de vista teórico-metodológico e também tecnológico, permite que teoria e prática se alimentem reciprocamente e os resultados da investigação enriqueçam a teoria, gerando de fato conhecimento, com novas categorias que emergem a partir de vivências narradas por sujeitos sociais reais.

A importância do diálogo com a realidade, por parte de estudiosos do campo da saúde pública, entendido como campo interdisciplinar, é destacada por Rubens Adorno, Maria da Penha Vasconcellos e Augusta Alvarenga, quando colocam questões complexas de saúde que requerem a análise densa de estudiosos do campo, tendo em vista o emprego de uma racionalidade mais ampla que não subordine o pensamento a paradigmas da ciência e desta a um modelo abstrato, descolado da realidade, das condições reais de vida de seres humanos. Nessa perspectiva, apontam a importância da consideração e identificação de fenômenos típicos da modernidade tardia, com implicações para o campo da saúde, destacando a importância de as Ciências Sociais, notadamente a Antropologia, refletirem acerca das coisas cotidianas que movimentam a vida de grupos, que são alvos das ações de saúde e de suas políticas públicas, muitas vezes normativas, não entendidas como políticas sociais. Trata-se de cientistas refletirem, assim, sobre “desencaixes” da realidade – termo que os autores tomam de Anthony Giddens – que evidenciam os descompassos que a modernidade trouxe entre tempo e espaço, transformando percepções acerca do que seja a realidade, tanto para sujeitos sociais, em geral, quanto para técnicos e profissionais, e mesmo para investigadores.

As implicações do que seja a própria constituição da realidade em pesquisas no campo da saúde é abordada por Ceres Gomes Víctora, que se propõe a discutir o emprego de métodos qualitativos, para além da concepção ingênua e redutora de concebê-los como um conjunto de técnicas que permitem ao investigador – de qualquer formação teórica e metodológica – penetrar em uma realidade e revelar suas formas escondidas ou dissimuladas, realidade

concebida como estática e a-histórica.

Em seu artigo intitulado “Uma Ciência Replicante: a ausência de uma discussão sobre o método, a ética e o discurso”, questões de interesse de uma epistemologia da metodologia e da técnica são colocadas para pesquisadores não somente do campo da saúde.

Tomando como eixo de análise, a exemplo de autores anteriores, também a questão das dicotomias presentes nos discursos de cientistas sociais e pesquisadores biomédicos da saúde, a autora coloca que essas dicotomias, que versam sobre o conhecimento e suas possibilidades, encontram-se na base daquelas que são consideradas dificuldades no emprego da metodologia qualitativa no campo da saúde, notadamente no que se refere ao problema da escolha das técnicas de pesquisa, da definição do número de casos, do contexto da pesquisa e dos procedimentos de análise ou de interpretação dos dados, problemas que a autora discute em profundidade em seu texto.

Na discussão que empreende, Ceres Gomes Victora demonstra que não são apenas as técnicas que produzem uma pesquisa qualitativa, mas os conceitos sobre a realidade e o treinamento do pesquisador para compreender e conceber questões dessa natureza. Enfatizando que os dados empíricos não falam por si, a autora afirma a importante ideia de que a pesquisa se constitui em um processo e que é no diálogo que o investigador mantém com dada teoria e desta com a metodologia que é possível não somente a construção de certo problema ou objeto de investigação, mas do próprio trabalho de campo.

Os textos de Nelson Filice de Barros em colaboração com Cristiane Spadacio, o de Denise Martin, assim como o de Clarice Cohn, trazem ao leitor reflexões sobre a questão da formação no campo da saúde, em nível da pós-graduação e da graduação, na perspectiva da incorporação, por estudantes e/ou profissionais, de conteúdos oriundos das Ciências Sociais e Humanas em Saúde.

Ao introduzir a discussão sobre a temática, Nelson Filice de Barros e Cristiane Spadacio – cujo texto é intitulado “A formação do Pós-graduando no Mundo Contemporâneo no Cotidiano da Pesquisa” – se propõem a realizar o que consideram uma síntese do debate empreendido por cientistas sociais

e humanos no II Encontro Paulista de Ciências Sociais e Humanas, mencionando que tomaram como base para sua organização os conceitos de práxis e rupturas epistemológicas.

No texto intitulado “Refletindo a Formação Interdisciplinar na Pós-graduação”, Denise Martin tece discussões, de diferentes ângulos, sobre a relação orientador e aluno pós-graduando, as expectativas, as tensões e os desafios enfrentados por ambos, quando pertencentes a diferentes áreas de formação, referentes à formação e à produção de conhecimento a partir de olhares disciplinares distintos.

Finalmente, na apresentação de Clarice Cohn, intitulada “O Ensino de Antropologia da Saúde na Graduação: uma experiência”, a autora tece reflexões acerca de sua experiência com a proposição e a ministração de uma disciplina de Antropologia, obrigatória para os cursos de saúde e optativa para os de Ciências Sociais e Psicologia, narrando suas estratégias para a elaboração do programa que contempla uma introdução a conceitos teóricos fundamentais da área combinada com debates e reflexões, em seminários, acerca de pesquisas antropológicas na área da saúde, consideradas complementares em termos de formação. Em sua narrativa sobre a experiência demonstra aproximar-se do objetivo a que se propõe em sua prática de ensino, ou seja, o de promover uma reflexão sobre a diferença cultural e o exercício profissional em saúde.

Assim, ao divulgar ao leitor esse conjunto de artigos voltados para a temática da Contribuição das Ciências Sociais e Humanas na Pesquisa, no Ensino e na Formação em Saúde acreditamos que a revista *Saúde e Sociedade* cumpre importante papel de divulgação por propiciar ao leitor possibilidades de apreender em que níveis se colocam a variedade de questões que desafiam as relações multidisciplinares entre cientistas sociais e biomédicos. Entendemos que é nessa perspectiva que melhor se pode pensar a produção e a inovação no campo do conhecimento em saúde como obra de todos, sem pretender hegemonias.

**Augusta Thereza de Alvarenga**  
**Maria da Penha Vasconcellos**  
**Rubens de Camargo Ferreira Adorno**

Docentes da Faculdade de Saúde Pública da USP e do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa Social em Saúde Pública – LIESP.